

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

1 jun. 2026

Aprovado

6 jun. 2026

Religião e suicídio: entre acolhimento e risco

Abimar Oliveira de **Moares**¹ , Clóvis **Ecco**² , Douglas F. **Barros**³ 

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Correspondência para: A. O. MORAES. E-mail: <abimar@puc-rio.br>.

² Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Letras, Goiânia, GO, Brasil.

³ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Faculdade de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil.

Como citar este artigo: Moraes, A. O.; Ecco, C.; Barros, D. F. Religião e suicídio: entre acolhimento e risco. *Reflexão*, v. 51, e2619551, 2026. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e19551>.

O suicídio pode ser entendido como uma agressão deliberada que o indivíduo pratica contra si mesmo, com a intenção de pôr fim à própria vida. Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), o ato pode ser cometido de forma consciente e intencional, tendo o agente utilizado um meio que acredita ser letal (ABP, 2014). Estudos e abordagens interdisciplinares sobre o tema têm avaliado que o comportamento suicida é um evento que precisa ser analisado tanto sobre o indivíduo que o manifesta quanto sobre as relações e interações que ele mantém no contexto familiar, de amizades e da sociedade em que se insere. Entende-se esse comportamento como um contínuo que compreende desde a ideação suicida até o suicídio consumado (Ganz *et al.*, 2010).

Ações que não devem ser compreendidas de forma isolada ou reducionista, mas como expressões complexas de experiências de dor, perda de sentido, fragilidade dos vínculos e dificuldades de elaboração existencial. Sua presença interpela não apenas o indivíduo, mas também a família, as instituições e a sociedade, convocando à construção de práticas de cuidado, escuta qualificada e promoção da vida, especialmente no âmbito das relações humanas e dos espaços educativos.

Considerando-se os dados que não levam em conta o período da pandemia de Covid 19, em termos mundiais, anualmente, cerca de 700 mil indivíduos tiram a própria vida (OMS, 2021). Em 2019, mais de 77% dos casos de suicídio ocorreram em países de média ou baixa renda e o suicídio foi a quarta causa de mortalidade nos jovens entre 15 e 29 anos (OMS, 2021). Entre 2015 e 2022, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (apud Alvim, 2025, *online*), os suicídios no Brasil aumentaram 136%. Em artigo publicado pela The Lancet Regional Health Americas (apud Alvim 2025), a taxa de suicídios cresce continuamente desde 2016.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) já promoveu diversos estudos e elaborou orientações com o objetivo de reduzir os índices de suicídio. Dentre eles está o Plano de Ação em Saúde Mental, lançado em 2013, cuja meta é reduzir em 10% a taxa de suicídio até o ano de 2020. Com o mesmo objetivo, no Brasil, em setembro de 2017, o Ministério da Saúde lançou, uma Agenda Estratégica de Prevenção do Suicídio (Brasil, 2017) e em 26 de abril de 2019 promulgou a Lei nº 13.819, que institui a Política

Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio (Brasil, 2019). Por outro lado, muitos estudos (Lemos, 2002; Ecco, Lemos, 2016; Koenig, 2005; Wacholtz *et al.*, 2007) têm mostrado a importância e a eficácia da espiritualidade no enfrentamento do sofrimento humano, tanto na atenção à saúde física como mental.

Considerando a radicalidade do comportamento suicida como expressão e sintoma de um sofrimento psíquico e existencial muito intenso, é legítimo investigar a possível interferência da espiritualidade e da religiosidade na atenção ao suicídio. O presente Dossiê tem por objetivo aprofundar o estudo acerca da relação entre religião e recursos terapêuticos interdisciplinares consolidados em áreas como a psicologia, a medicina, a psicanálise, o atendimento social público, entre outras, que visem minorar ou mitigar ou desenvolver atitudes que se orientem pelo acolhimento compreensivo face aos indivíduos que manifestam a ideação suicida.

O sítio de notícias BBC News Brasil produziu, em 2025, a série de reportagens chamada: Suicídio e fé. Uma das questões motivadoras da série foi: podem as religiões desenvolver atuações que superem a rejeição ou as condenações historicamente estabelecidas àqueles que cometem ou tentaram cometer o suicídio? Ainda no século XXI, quando estudos interdisciplinares sobre o tema têm mostrado a complexidade dos elementos psíquicos, familiares, individuais, coletivos e sociais que compõem a ideação e o ato suicida e, mesmo assim, são muitas as religiões e religiosos que resistem a alterar a compreensão e as doutrinas que disciplinam suas práticas com relação ao tema.

A jornalista Mariana Alvin indagou a religiosos que se envolveram com casos de suicídio de pessoas da família ou próximas sobre o que puderam fazer além de conviverem com o tabu que apresentam as três maiores religiões do Brasil face ao tema (católicos, evangélicos e espíritas). O acolhimento pela espiritualidade face à dor e ao sofrimento seria o principal benefício trazido pela religião àqueles que se viram na condição de elaborar os atos suicidas cometidos por aqueles que lhes eram próximos. Alvim destaca o discurso proferido pelo Papa Francisco em outubro de 2021, por ocasião do Dia Mundial da Saúde Mental, no qual o Pontífice fez a defesa do acolhimento tanto às pessoas que cometeram o suicídio quanto às suas famílias: que não fossem deixados à solidão e ao sofrimento.

O caso do Pe. Lício Vale é emblemático de mudanças atualmente processadas no interior das estruturas de instituições religiosas, bem como de religiosos que se envolvem com o atendimento a pessoas que de algum modo estiveram envolvidos com o suicídio. Ele mesmo é um exemplo de que, além da formação eclesial, aprofundou os estudos de filosofia e chegou a concluir uma especialização em prevenção ao suicídio pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pe. Lício (apud Alvim, 2025, *online*) destaca que a igreja Católica tem atualizado sua doutrina porque hoje “dialoga com a Ciência”.

A psicóloga Karen Scavacini, doutora em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e fundadora e diretora do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, diz Alvim (2025, *online*), reconhece que “as religiões – não apenas o catolicismo – podem ter um papel ambíguo na prevenção e na posvenção do suicídio”. A religião tanto pode ser um fator de proteção. Também, o tabu religioso –que leva os responsáveis religiosos se distanciarem, quando não negarem absolutamente o tema– pode ser danoso em vários estágios relacionados ao suicídio. Ela afirma: “Quando a gente põe na balança, a espiritualidade tem um fator mais de proteção do que de risco, porém – e esse é o grande, porém –, quando ela se torna um fator de risco, pode ser um risco importante” (apud Alvim 2025, *online*).

Entre o acolhimento e o fator de risco, o que teriam os especialistas nos estudos sobre a religião, cientistas da religião, teólogos e estudiosos de outras áreas dos saberes a apresentar

acerca da relação entre Religião e suicídio? Que elementos da religião poderiam contribuir junto com a atuação de outros atores e saberes para a mitigação da ideação suicida? A espiritualidade, ou a ausência dela, podem estar relacionadas com as taxas de suicídio? Há evidências de alguma correlação entre espiritualidade e comportamento suicida? A espiritualidade pode influenciar, nos momentos de conflito, a opção pela vida? De que maneira a espiritualidade pode contribuir para a superação da ideação de suicídio?

As questões acima animam o presente Dossiê e convidam os especialistas das Ciências da Religião e da Teologia, assim como estudiosos e profissionais de áreas afins para contribuir com a ampliação do entendimento de um problema crítico em todos os níveis que o concernem, desde o pessoal até o social.

Referências

- Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Suicídio: informando para prevenir. Brasília: Conselho Federal de Medicina; ABP, 2014. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida/bibliografia/suicidio_informado_para_prevenir_abp_2014.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 fev. 2026.
- Alvim, M. 'Meu pai se matou, e hoje sou padre e especialista em suicídio'. *BBC News Brasil*, Londres, 1 set. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ceq4xl2ppqqo>. Acesso em: 26 fev. 2026.
- Brasil. Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm. Acesso em: 26 fev. 2026.
- Ecco, C.; Lemos, C. T. Religião e saúde: o medo como elemento constituinte das representações de doença. In: Ecco, C.; Quiceno, J. M.; Quadros, E. G.; Signayes, L. (org.). *Religião, saúde e terapias integrativas*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016, v. 1, p. 113- 137.
- Ganz, D.; Braquehais, M. D.; Sher, L. Secondary Prevention of Suicide. *PLoS Med.* v. 7, n. 6, 2010.
- Koenig, H. G. *Espiritualidade no cuidado com o paciente: por quê, como, quando e o quê*. São Paulo: FE Editora Jornalística Ltda, 2005.
- Lemos, C. T. Religião e saúde: a busca de uma vida com sentido. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 479-510, 2002.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). Suicídio no mundo em 2021: estimativas globais de saúde. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240110069>. Acesso em: 06/06/2026.
- Wachholtz, A. B.; Pearce, M. J.; Koenig, H. Exploring the Relationship between Spirituality, coping and pain. *Journal of Behavioral Medicine*, v. 30, n. 4, p. 3001-3008.